

## AS VACAS

Sempre li muito. Nas escolas, para aprender. No trabalho, por necessidade. Nas horas de folga, por prazer e por ser um meio barato de lazer. Hoje é o medo que me faz compulsar 2 ou 3 livros por semana, no mínimo.

Em nossa cidade, que sequer tem uma livraria, onde se possa adquirir livros, existe um "vírus" terrível que ataca a gente: é o da ignorância. Não há quem escape do "bicho". Nosso nível cultural é muito baixo. Ouve-se cada coisa, cada afirmação de arrepiar os cabelos.

Como minha cultura não é grande, o único meio de compensar a burrice é a leitura. Como meus filhos não tem mandado obras de ficção e meu dinheiro de aposentado não dá para comprá-las, estou lendo por empréstimo e relendo os que já tenho. Outro dia, a Folha de São Paulo trouxe um artigo sobre as fábulas. Peguei o Tesouro da Juventude, limpei a coleção com um pano úmido e "mergulhei" nas fábulas dos maiores escritores do gênero: Esopo (escravo grego na antiga Roma) e La Fontaine (francês), que são ótimos, embora o segundo tenha copiado ou plagiado alguma coisa do primeiro. Fui também ao velho pai dos burros (dicionário do Aurélio) para, com precisão, ver o conceito de fábula. Ensina o mestre que é

a narração alegórica, em verso ou prosa, destinada a ilustrar um preceito. Em muitas delas os "bichos" conversam, ensinando alguma coisa. Um laivo de vaidade ditou minha ação. Vou tentar escrever uma fábula do tempo moderno. Aí vai:

### **AS VACAS**

Numa fazendona de gente rica, existia uma vaca prendada, honesta, de família, com "pedigree" e tudo mais. Descendente de um casal campeão, viera da Holanda e tinha o nome de PRINCESA DE AMSTERDAM.

Era linda de morrer, com suas manchas pretas num fundo branco. Tudo na Princesa era perfeito: as coxas, as ancas, o corpo, pescoço, cabeça e focinho. Era o orgulho do fazendeiro. Vivia numa baia do curral, com ar condicionado, sendo escovada diariamente. Até uma manicura possuía, para prepará-la para os desfiles nas exposições. Dava um mundão de leite em duas ordenhas diárias.

Num pasto rapado, separado por uma cerca, vivia outra vaca, comum, que atendia pelo nome de MIMOSA.. Não tinha nenhuma raça. Seus progenitores não eram campeões. Era feia de doer, com as pernas finas, meio cambaias, anca magra e ossuda, corpo "selado", cabeçuda e disforme.

Uma tarde, a Princesa viu a Mimosa e, com desprezo, disse:

- Vai mal companheira. Magra desse jeito, você não deve dar nem 3 litros de leite por dia, enquanto eu dou 45 litros. Peça ao campeiro que lhe dê sal mineral, alfafa, leite ninho, milho especial, torta de mamona.

A Mimosa, que estava catando um bocado de capim seco, retrucou que sequer conhecia tais alimentos, tais iguarias.

Aí, a Princesa resolveu tripudiar:

- Não sei como você pode viver sem o conforto nessa vida de privações e miséria, cheia de carrapatos e bicheiras. Imagine comer esse capim sem nutrientes, sem vitaminas. Vai ver que seus pais nunca ganharam medalhas. Deus me livre!

Fazendo grande esforço para engolir o capim "micho" humilhada, a Mimosa, retrucou:

- É o meu destino de pobre. Todavia aquele tourinho caracu, lindo, conseguiu me pegar de jeito, quando fui beber água no rio e me emprenhou. Embora miserável e feia, gostei muito da aventura do acasalamento. Depois que tiver meu bezerro, vou rodear o tourinho. Quem sabe ele me acerte de novo, pois é muito bom, muito gostoso. Estou apaixonada.

A vaca nobre ficou cismando. Somente disse que não sabia o que era um touro e não conhecia nenhum, não tendo tido nenhuma aventura.

- O bezerro que trago na barriga é fruto de inseminação artificial, para a qual não tive prazer algum. Nem sabia que as crias vinham também do amor.

A vaca pobre continuou comendo seu capim que o diabo amassou e a vaca campeã foi chorar no canto mais escondido do curral.

Moral: O amor, mesmo entre os animais, não decorre da tecnologia. É mais feliz uma vaca pobre com seu touro, que uma vaca rica inseminada artificialmente.